



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Aracaju - SE, Ano 31, Edição 1656
5 a 11 de janeiro de 2015

IVZ

www.cinform.com.br

CINFORM

Representantes da Saúde em Sergipe querem melhoria para o setor em 2015

■ Superlotação no Hospital de Urgência de Sergipe - Huse - falta de escala médica nas Unidades de Pronto Atendimento - UPAS - Zona Norte e Sul -, alta rotatividade na gestão da Secretaria Municipal de Saúde - SMS -, com a pasta substituída por três nomes - Goretti Reis, Alvimar Rodrigues e Luciano Paz -; crescentes dívidas da Fundação Hospitalar de Saúde - FHS.

Federalização do Hospital de Lagarto; além da falta de condições de trabalho nas unidades de saúde e a necessidade de concurso público são alguns dos problemas e desafios que se estenderão para o ano de 2015, segundo revelam os representantes do Sindicato dos Médicos - Sindimed -, José dos Santos Menezes; do Conselho Regional de Medicina - Cremese -, Ricardo Scandian; do Sindicato dos Enfermeiros do Estado de Sergipe - Seese -, Shirley Marshal Díaz Morales; e do Conselho Regional de Enfermagem - Coren -, Gabryella Garibalde. Confirma o balanço que eles fizeram de 2014 e o que esperam de 2015.

FALTAM ESCALAS MÉDICAS NAS UPAS

“Nosso Estado, segundo o IBGE, chegou a uma população permanente de 2,2 milhões habitantes no ano de 2014, enquanto isso tivemos cadastrados no Cremese, 4.300 médicos, sendo 3.500 em atividades.

O estudo “Demografia Médica no Brasil Volume 2/2013”, dava-nos uma população permanente de 2,1 milhões de habitantes, sendo que 579.563 estavam em Aracaju. Diz-nos também esse estudo que tínhamos 3.065 médicos no Estado e só na Capital: 2.397.

O modelo de Saúde da Reforma Sanitária definiu que a atenção básica e a especializada ficaram com os municípios; já as urgências de média e alta complexidade com o Estado.

A rede hospitalar do Estado localizada nas Regionais; contando com apoio dos hospitais de média complexidade e também com a Maternidade Nossa Senhora de Lourdes - para alta complexidade; serviços administrados pela FHS, não atingiu seus objetivos, e com dívidas crescentes.

Ressaltê-se a situação da federalização do Hospital de Lagarto - Hospital Monsenhor Daltro. A UFS cumprirá essa tarefa? Mais um desafio para 2015.

Em Aracaju tivemos uma alta rotatividade na SMS. As questões da atenção básica - PSF - vem se reorganizando

- já nas UPAS - Zona Norte e Zona Sul - sofremos pela falta de escalas médicas completas - urge a realização de concurso público - e também pela falta de condições de trabalho.

Na questão das UPAS, cito o esforço do atual secretário de Saúde de Aracaju, em não terceirizar, via Organizações Sociais, que é a grande vontade do prefeito e vereadores, que já aguardávamos para o ano de 2014.

Vivenciamos ainda dificuldades que por certo estarão presentes em 2015, com os Planos de Saúde - cada vez mais fugindo de suas finalidades contratuais com os usuários.

A população sem saber como e onde fazer seus exames complementares, cirurgias eletivas e internações, algo tem que ser corrigido, exemplo: porque Aracaju com 28% da população de Sergipe tem 80% dos médicos sergipanos? Por que cobramos só de Aracaju, quando temos 75 municípios em todo Estado?

É possível uma harmonia melhor entre a Secretaria de Saúde do Estado com as Secretarias Municipais.

Aracaju com sua população permanente de 620 mil habitantes aumenta muito, quando se refere ao tratamento médico; porque dispõe de 2 milhões de cartões do SUS; é algo difícil de explicar. Seria uma população flutuante que venha a justificar esses números? Em 2015 se for mantido esse "status quo" teremos novamente dificuldades na Saúde. Que Deus ilumine os governantes".

JOSÉ DOS SANTOS MENEZES,
presidente do Sindimed

FHS NÃO SUPRE AS DEMANDAS

"A oferta dos serviços públicos de saúde por parte do Estado foi, há algum tempo, confiada à FHS no intuito de concentrar nessa figura de direito privado a coordenação e execução de praticamente todas as ações sanitárias.

Contudo, a FHS não mostra

suprir a contento as demandas de Saúde da população, repetindo-se os mesmos problemas que outrora havia, como superlotação do Huse, e a constante falta de medicamentos e materiais, conforme revelam as inúmeras pautas do Ministério Público Estadual.

Assim, também em 2014, devido ao não cumprimento de alguns de seus compromissos em dia, deixando em atraso o pagamento de importantes parceiros, a FHS foi mais uma vez questionada quanto à eficácia e a sua própria existência. Os médicos, em geral, tem se empenhado no cumprimento de seus deveres, apesar de, muitas vezes, faltar-lhes as devidas condições de trabalho.

O governador Jackson Barreto inicia com o pé direito seu novo Governo, mostrando vontade de administrar com prudência fiscal, enxugando a máquina pública.

Esperamos que mantenha esse viés de austeridade em todo o mandato, pois a Saúde pública necessita de mais re-

ursos empenhados no cumprimento dos contratos com os diversos fornecedores e parceiros e menos cargos em comissão".

RICARDO SCANDIAN,
conselheiro do Cremese

DIFICULDADES EM NEGOCIAR

"Em 2014 os enfermeiros enfrentaram diversas dificuldades no diz respeito à Saúde, na Capital e em vários municípios. Iniciamos o ano com sérias dificuldades na negociação com a Prefeitura de Aracaju o que acabou culminando com uma greve que durou cerca de 45 dias.

A constante mudança de secretários de Saúde na Capital fez com que os trabalhadores não avançassem em grande parte dos pleitos. Outra situação que a rotatividade de gestores ajudou a piorar foi o desabastecimento. Os enfermeiros trabalharam sob a égide da falta constante de materiais essenciais para a prestação de uma assistência de qualidade, além de péssimas condições de trabalho. Panorama que não foi diferente na gestão estadual, onde o quadro tornou-se alarmante na FHS.

Trabalhadores foram privados de alimentação adequada nos plantões, onde por vezes a comida era servida fora das condições mínimas para consumo humano. Péssimas condições de trabalho somadas à sobrecarga de trabalho devido a insuficiência do quadro de recursos humanos levou os enfermeiros ao agravamento do estresse e outras doenças ocupacionais.

O fantasma da crise econômica foi alardeado em 2014 pela gestão e sob esse pano de fundo atrasos salariais foram justificados pelo Governo. O Seese e mais nove sindicatos da Saúde uniram forças e paralisaram as atividades até a normalização do pagamento.

Devido a essa situação, nos mantivemos em estado de gre-

ve, o que foi condição sine qua non para que os trabalhadores tivessem o calendário de pagamento respeitado nesse final de ano, enquanto infelizmente outras categorias tiveram seus vencimentos atrasados.

Os enfermeiros se juntaram a outras categorias na tentativa de evitar a maldosa Reforma Administrativa dita pela gestão estadual como salvadora da economia de Sergipe.

Apesar de mostrarmos através de dados que fazem cair por terra as justificativas do Estado, não conseguimos lograr êxito.

Vários atrasos salariais ocorreram em outros municípios causando prejuízo aos enfermeiros nos diversos âmbitos de gestão. Apesar de tantos percalços, os enfermeiros se mantiveram unidos e conseguiram avanços como a incorporação de gratificação na Prefeitura de Aracaju e o Plano de Carreira do Estado.

Esperamos que em 2015 os canais de diálogo com a gestão Estadual e municipais possam ser reabertos, com a implementação das mesas setoriais de negociação. A união das diversas categorias através de fóruns intersindicais também fortalecerá a luta".

SHIRLEY MARSHAL,
presidente do Seese

REGULAMENTAÇÃO DA JORNADA

"O ano que se encerrou foi um ano de grandes batalhas e de conquistas para a enfermagem do nosso Estado. Muitas ações de fiscalização realizadas pelo Coren/SE foram base de Ações Cíveis Públicas, dentre elas podemos citar a que determina a contratação por concurso público de mais de 400 profissionais de enfermagem para o Huse.

Outro ponto importante foi à parceria entre o Coren e os Ministérios Públicos Federal e Estadual que por várias vezes utilizaram nossos relatórios de fiscalização para auxiliar na sua atuação.

O ano que passou deixa um saldo positivo. No entanto muito há para avançar, continuamos lutando por uma jornada regulamentada de 30h para toda a enfermagem. Continuaremos com as fiscalizações para que as instituições de Saúde cumpram o que é regulamentado por lei. Certamente, teremos muitas batalhas".

GABRYELLA GARIBALDE,
presidente do Coren